ESPAÇOS LIVRES EM PRAÇAS INGLESAS DO SÉCULO XVII: O CASO DE COVENT GARDEN

OPEN SPACES IN ENGLISH SQUARES OF THE SEVENTEENTH CENTURY: THE CASE OF COVENT GARDEN

DERNTL, Maria Fernanda

Mestre e doutoranda pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. E-mail: mariafernanda_d@yahoo.com.br

RESUMO

Covent Garden é considerada uma experiência modelar entre as primeiras transformações no espaço urbano ainda de aparência medieval de Londres no século XVII. A partir da iconografia da época e das indicações da bibliografia pertinente, procura-se apresentar uma análise abrangente da configuração formal dessa praça. Destaca-se a existência de diferentes tipos de espaços livres contribuindo para determinar seu desenho: além do espaço central, também fizeram parte da praça o pátio da igreja de St. Paul, a oeste e os jardins da mansão Bedford, ao sul. Conclui-se que o desenho apresentado por Covent Garden não era completamente regular ou simétrico e teria sido bem diferente das *squares* londrinas dos séculos XVII e XVIII.

Palavras-chave: Covent garden, praça, espaço urbano.

ABSTRACT

Covent Garden square is considered a model experience among the initial transformations in the urban space of London, which was still characterized by a medieval appearance in the seventeenth century. The present work draws on the iconography of that time and on the relevant bibliography to present a comprehensive analysis of the built form of that square. It is pointed out that different types of open spaces contributed to define Covent Garden: besides its central space, also St. Paul´s church yard in the west and the Bedford House garden in the south joined the square. It is concluded that the lay-out of Covent Garden was neither completely regular nor symmetrical and would have been very different from the London squares of the seventeenth and eighteenth centuries.

Key words: Covent garden, square, urban space.

A praça de Covent Garden é uma das experiências urbanas consideradas mais significativas do período inicial das transformações de Londres, ainda de aparência medieval, em uma capital de um Estado moderno. Estudos gerais de história urbana enfatizam a regularidade do traçado de Covent Garden, privilegiando a apresentação das fachadas construídas ao norte, leste e oeste da praça. A iconografia também tende a reforçar essa orientação. Ao presumir que a concepção de Covent Garden teria sido inspirada na Place des Vosges (1605-1612) em Paris – uma praça regular, fechada e simétrica – vários autores ressaltam mais os paralelismos do que as diferenças entre as duas praças. No entanto, uma análise mais abrangente da configuração formal de Covent Garden mostra que se constituiu aí um outro modo de organização do espaço.

Covent Garden foi construída entre 1630 e 1638, a oeste de Londres, em Westminster[2]. A região de Covent Garden pertenceu à abadia de Westminster pelo menos desde o século XII e era usada como pastagens, para hortas, pomar e jardins[3]. Em 1550 e 1552 essas terras foram concedidas à família dos nobres Bedford.

O IV Conde de Bedford teve que solicitar uma licença da Coroa para lotear parte de suas terras em Covent Garden, situadas ao norte de sua mansão. Conforme a mais antiga minuta de licença

para construir em Covent Garden, de 3 de maio de 1629, o arcebispo William Laud e Muntford, pároco de Saint-Martin´s-in-the-Fields

"...junto com muitos habitantes, vislumbrando o incômodo que poderia surgir [da superpopulação da paróquia] (...) solicitaram de nosso consignatário por direito e estimado primo Francisco, Conde de Bedford, uma tal quantidade de terra de seus campos chamados Covent Garden (...) quanto necessária para a construção de uma pequena igreja ou de uma capela para o culto. [Bedford] concordou em consagrar a este uso uma parte espaçosa e ampla de seu mencionado terreno e irá contribuir com a construção e adorno da dita igreja e do seu pátio"[4].

Bedford comprometeu-se a reservar uma parte do loteamento que pretendia fazer para uma nova igreja, acompanhada de um pátio. A construção da igreja de Covent Garden viria atender a um pedido da comunidade local, apoiada pelo arcebispo Laud e pelo pároco Muntford. O projeto de arquitetura da praça parece ter sido confiado ao supervisor das construções reais, Inigo Jones, como condição para se permitir o loteamento.

Figura 1: Vista a oeste de Covent Garden ca. 1644, gravura de Hollar
Fonte: HOLLLAR, Wenceslau. Vista a oeste de Covent Garden, ca. 1644. Westminster Archives Center, H 133 (17)

Não se conhecem imagens da praça recém-construída, mas as gravuras de Hollar, ca. 1644 (Figura 1) e de 1658 (Figura 2) a representam num estado próximo ao que se achava quando a construção foi finalizada. A gravura de 1658 mostra uma perspectiva vôo-de-pássaro da região de Covent Garden e seus arredores. As fachadas ao norte e ao leste da praça estão delimitadas pelos blocos de casas que tendem a formar uma superfície regular e contínua, interrompida apenas pelas vias nos pontos médios desses lados. A fachada oeste da praça é dominada pela igreja de St. Paul, no centro, flanqueada por construções simétricas. Mais a oeste vê-se o pátio da igreja. Já ao sul do espaço livre da praça, estão os jardins dos fundos da mansão Bedford.

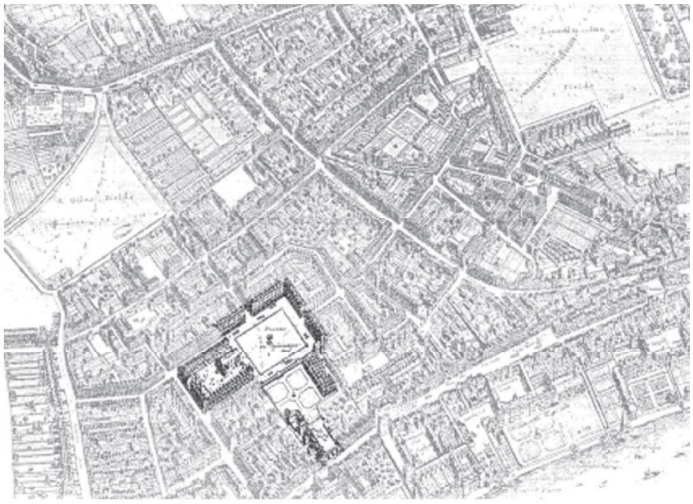

Figura 2: Vista a oeste de Covent Garden ca. 1658, gravura de Hollar
Fonte: HOLLAR, Wenceslau. Covent Garden, ca. 1658. In: A Collection of Early Maps of London, 1553-1667

As vias de acesso à praça são a James Street, no ponto médio da face norte, a Russell Street, no ponto médio da face leste, duas ruas longitudinais a oeste, a King Street, ao norte e a Henrietta Street, ao sul. O mais importante acesso à praça parece ser ao leste, pela Russell Street, tendo início na movimentada Drury Lane e desembocando no espaço livre, em frente da igreja. A largura da Russell Street é a mesma largura da igreja no lado oposto. Essa parece ser a perspectiva de chegada à praça mais valorizada. Até o século XVIII, não havia nenhum acesso direto da praça ao Strand, principal via da região.

O espaço livre de Covent Garden estava subtraído da circulação de tráfego do bairro. Suas dimensões eram de aproximadamente 95 x 125 m. Como se vê nas gravuras de Hollar (Figuras 1 e 2) esse espaço aberto estaria delimitado por uma cerca de madeira baixa. O piso seria de cascalho e, nas vias em seu redor, de seixos rolados. No centro, haveria uma árvore recém-plantada e, em sua volta, bancos de madeira, provavelmente colocados por iniciativa dos habitantes da paróquia . É provável que já desde o término da construção da praça se realizasse um mercado de frutas e verduras no espaço livre central[6].

A partir dos portais situados a oeste do espaço livre, seria possível ter acesso ao pátio da igreja de St. Paul. Esse pátio é mencionado na já citada minuta de licença para construir em Covent Garden e também está presente num desenho da fase inicial das obras de construção da praça. O pátio não poderia ser percebido a partir do espaço livre da praça, a não ser quando os portais da fachada oeste estivessem abertos.

Já no começo do século XVIII, Strype descreve o pátio da igreja:

"Saindo da Bedford Street está um passeio muito bonito, com pavimento de seixos rolados e uma cerca de madeira em cada lado, conduzindo à igreja, pelo meio do pátio. Um passeio semelhante parte da Henrietta Street e da King's Street, com filas de árvores, que, quando chegarem a maturidade, serão bastante ornamentais."[7]

Strype faz referência ao acesso à igreja não pela praça, mas pelo pátio a oeste dela.

Downs Jr. nota a importância central da igreja e seu pátio para a comunidade local: serviriam não apenas para o culto religioso, mas também para a educação (havia uma escola sob o campanário pelo menos desde 1708), a punição (na prisão ou num pelourinho) e o enterro dos mortos[8]. O vão sob o telhado da igreja seria ainda utilizado para armazenar ervas e cereais[9].

O pátio e o espaço livre da praça parecem apresentar naturezas distintas. Opõe-se ao caráter monumental e à aridez do espaço central da praça o pátio ajardinado da igreja, de escala acolhedora e interiorizado. A Coroa inglesa estabeleceu determinações formais para o espaço livre central da praça, cujas fachadas apresentaram uma disciplina de desenho clássica. Já no pátio da igreja parecem ter permanecido os princípios tradicionais de organização espacial.

Ao sul de Covent Garden, um outro tipo de espaço livre contribuía para determinar as feições da praça. A fachada sul de Covent Garden permaneceu ocupada pelo lote dos Bedford, separado da praça pelo muro do jardim. É conhecida uma gravura mostrando o lado sul visto a partir da praça, em meio aos fogos de artifício de setembro de 1690, de autor desconhecido[10]. A gravura de Hollar, de 1658 (Figura 2) e mapas como o de Crowle, de 1690, também mostram alguns aspectos do lote ao sul[11]. Entre a praça e o jardim dos Bedford, haveria um muro de aproximadamente 3 metros de altura. Junto ao muro e ao fundo do jardim, estaria um belvedere, com duas ábsides voltadas para a praça. Strype descreve a mansão Bedford já no fim do século XVII:

"situada no Strand, mas desenvolve-se para trás; sendo uma mansão ampla mas de construção antiga, tendo um grande jardim em frente, para a recepção de carruagens; com um jardim espaçoso, tendo um passeio elevado junto ao muro de tijolos do jardim e daí é possível ter-se a visão do horizonte."[12]

Como observa Strype, a partir do belvedere no fundo do jardim da mansão, seria possível desfrutar da vista do horizonte. Como mostra a gravura de Hollar de 1658 (Figura 2), o jardim estaria dividido em duas partes: a oeste tinha a forma aproximada de um quadrado, com quatro canteiros menores em torno de uma fonte ou escultura central; ao leste estaria um bosque de árvores[13]. Downs Jr.[14] supõe que os jardins do Conde de Bedford, tal como se vê na gravura de Hollar, foram construídos junto com a praça. Alguns de seus elementos seriam típicos dos jardins renascentistas da Inglaterra, como o belvedere, a grota e as possíveis fontes ou estátuas[15]. No

extremo nordeste do jardim, voltado para a praça, estaria um pavilhão de banquetes. Em ambos extremos do belvedere, haveria pavilhões de jardim simétricos. A partir de observadores do século XVII, como Samuel Sorbière e John Strype, a "Survey"[16] sugere que esses pavilhões teriam um caráter decorativo e seriam vistos como uma compensação pela ausência de ornamentos no espaço livre central da praça.

A partir do belvedere da mansão Bedford seria possível desfrutar da vista da praça, mas, também a partir do espaço livre da praça poderia ser possível ver, em direção ao sul, atrás do muro, as copas das árvores do jardim dos Bedford. Conforme descreve Sorbière, em 1666, comparando Covent Garden com a Place des Vosges:

"A praça de Covent Garden não é tão grande quanto a Place Royale [Place des Vosges, em Paris], mas é bem mais alegre, seja porque está num lugar mais elevado, seja porque não tem casas construídas a não ser em dois lados e o terceiro é a fachada de um templo de arquitetura muito bonita e o quarto está ocupado pelos jardins da mansão de Bedford, do qual se vêem as árvores por trás dos muros, que é bem baixo. As casas desses dois lados parecem mais magníficas do que as nossas, pois as arcadas são mais altas, o pórtico é mais amplo, que é elevado dois degraus e pavimentado com grandes blocos de mármore de Liège." [17]

Sorbière escreve que a praça de Covent Garden seria "mais alegre" do que a Place des Vosges e apresentaria casas "mais magníficas", construídas em apenas dois lados da praça, o que ele considera que seria mesmo uma vantagem.

E, conforme uma descrição da praça feita por Strype já no final do século XVII:

"Covent Garden, assim particularmente chamada, é uma praça curiosa, ampla e arejada, fechada por uma cerca; entre as casas e esta cerca corre uma rua agradável. A praça é sempre mantida bem cascalhada, para a conveniência das pessoas de aí andarem e elevada com uma leve inclinação em direção ao centro, de modo que a chuva é logo drenada e o piso de cascalho torna-se seco, adequado para se pisar. (...) Nos lados norte e leste estão fileiras de casas muito boas e amplas, chamadas de piazzas, sustentadas por pilares de pedras, para suportar as construções, sob as quais estão passeios amplos e convenientes, pavimentados com pedra de cantaria. O sul permanece aberto para o jardim Bedford, em cujo extremo há um bosque de árvores, muito agradável na estação do verão; e, deste lado, é mantido um mercado de frutas, ervas e flores às terças-feiras, quintas-feiras e sábado, que cresceu em medida considerável e é bem servido de produtos selecionados, tornando-o muito freqüentado. E no lado oeste está a igreja de St. Paul Covent Garden..."[18]

Neste trecho, Strype faz referência ao espaço livre central, delimitado, ao norte e ao leste, por blocos de residências – chamados de piazzas – tendo arcadas no térreo. Nesta época, o mercado já ocuparia boa parte do espaço livre. Apesar do lado sul ser delimitado pelo muro do jardim dos Bedford, a impressão é de que "permanece aberto". O lado sul da praça foi modificado no começo do século XVIII, quando se demoliu a mansão Bedford e construíram-se novos edifícios ao sul de Covent Garden.

A mansão dos Bedford e seus jardins, ao sul da praça, e a igreja com seu pátio, a oeste dela, constituiriam os dois pólos da composição de Covent Garden. A praça não apresentava plena simetria ou regularidade, nem era completamente fechada.

Além da construção de Covent Garden, ao longo dos séculos XVII e XVIII outros loteamentos de terras na região oeste de Londres deram origem a praças. Ainda durante a construção de Covent Garden, um outro nobre, Lorde Southampton, tentou iniciar o loteamento das terras de Bloomsbury em 1636, mas lhe foi negada a licença. As guerras civis e os conflitos das décadas de 1640 e 1650 desestimularam as atividades de construção, mas a Restauração, em 1660, deu início a um novo ciclo; o período entre 1660 e 1720 é considerado fundamental para o

desenvolvimento da Londres moderna[19]. As praças construídas a oeste de Londres, nesse período, podem ser vistas nos mapas de Morgan de 1682[20] e da Survey of London, de 1745[21]. A maior parte dessas praças tem um espaço livre central retangular e edifícios construídos em todo seu perímetro, intercalados apenas pelas vias de acesso.

As gravuras de Sutton Nicholls[22], de meados do século XVIII, mostram as vistas usualmente voltadas para o norte de três lados das praças. Em geral, as casas retratadas apresentam-se em filas contínuas e têm fachadas regulares. No entanto, a iconografia da época apresenta a tendência para representações mais homogêneas do que pode ter acontecido e, como adverte McKellar[23], mesmo nas primeiras praças pós-Restauração não se alcançou a uniformidade total nos blocos de casas. Por exemplo, a planta de Leicester Square, tal como representada por Nicholls, parece ser um quadrado, mas o mapa de Morgan de 1682 mostra-a, na realidade, trapezoidal. Apesar de possíveis imprecisões nas gravuras, pode-se identificar dois tipos básicos de configuração nas praças a oeste de Londres. Em alguns casos, há um edifício dominante no conjunto – a mansão do nobre proprietário das terras ou do empreendedor – em todo ou quase todo um lado do espaço livre. Os outros lados são ocupados, como mostram as gravuras de Nicholls, por casas de fachada semelhante, de três pavimentos, unidas por um telhado contínuo. São deste tipo Bloomsbury Square (iniciada em 1661), Leicester Square (a mansão é de 1632 e as demais casas iniciaram-se em 1665), Soho Square (ca. 1680) e Cavendish Square (projeto de 1719). Já num outro tipo de praça – como St. James´s Square (iniciada depois de 1662 e alterada em 1665), Red Lion Square (ca. 1684), Golden Square (1684-98) ou Hanover Square (1717-19) – não há edifício dominante no conjunto. Os blocos de casas também têm fachada semelhante, de três pavimentos, e são unidos por um telhado contínuo. Em todos os casos citados, mesmo quando uma igreja ou um mercado foram incluídos no loteamento, como, por exemplo, em Bloomsbury e Cavendish Square, eles não se situam na praça. Nenhuma das squares londrinas construídas depois de Covent Garden parece ter apresentado uma composição tendo dois focos dominantes como foi o caso de Covent Garden. Mas, assim como nessa última, nas demais praças construídas a oeste de Londres o espaço central também era

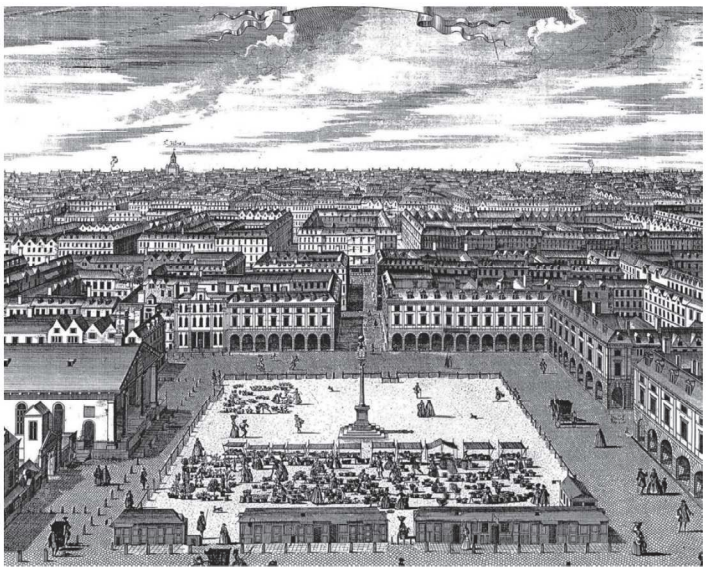

Figura 3: Vista ao norte de Covent Garden em 1710, gravura de Nicholls
Fonte: NICHOLLS, Sutton. Covent Garden. [1710]. Westminster Archives Center, H133 (15)

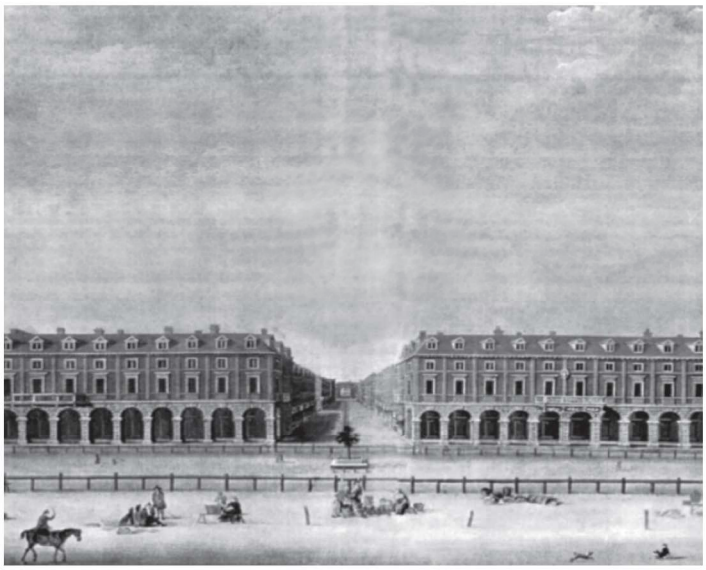

Figura 4: Vista ao norte de Covent Garden, reconstituindo a praça recém-construída, por volta da década de 1640, pintura de Scott.
Fonte: SCOTT, Samuel. Vista ao norte de Covent Garden.
In: HIBBERT, Christopher London: the biography of a city.
Harmondsworth: Penguin, 1987

inicialmente recoberto por cascalho ou seixos rolados. Somente a partir da década de 1720 a tendência foi cercar as áreas livres centrais das praças e lhes dar maior ênfase, ajardinando-as e instalando-se nelas elementos ornamentais como fontes e espelhos d´água[24].

A análise da configuração formal de Covent Garden mostra que essa praça compreendeu um conjunto de sistemas de espaços livres de naturezas bem distintas: o espaço livre central, de caráter monumental; o pátio da igreja, ajardinado e numa escala acolhedora e tradicional; além dos jardins da mansão Bedford, Parece ter se constituído um outro modo de organização do espaço, de desenho não completamente regular ou simétrico e tendo o lado sul aberto. Este desenho não se reproduziu nas squares londrinas dos séculos XVII e XVIII.

Bibliografia

BRETT-JAMES, Norman G. *The growth of Stuart London*. Londres: George Allen & Unwin.

CAMPBELL, Colin. *Vitruvius Britannicus*, or the British Architect, containing the plans, elevations, and sections of the regular buildings, both publick and private. In: *Great Britain, with variety of new designs*. Londres: o autor, 1717-25, 3 v.

DOWNS JR., Arthur Channing. Inigo Jones's Covent Garden: The First Seventy-five Years. *Architectural History, Journal of the Society of Architectural Historians of Great Britain*. Leeds: Maney Publishing, v. 10, p. 8-34, 1967.

DUGGAN, Dianne. London the Ring, Covent Garden the Jewell of that Ring: new light on Covent Garden. *Architectural History, Journal of the Society of Architectural Historians of Great Britain*. Leeds: Maney Publishing, v. 43, p. 140-161, 2000.

GUIDONI, Enrique; MARINO, Angela. *Historia del urbanismo: El* siglo XVII. Madri: Instituto de Estudos de Administracion Local, 1982.

LEES-MILNE, James. *The age of Inigo Jones*. Londres: Batsford, 1953.

MCKELLAR, Elizabeth. *The Birth of Modern London: the development and design of the city 1660-1720*. Manchester and Nova York: Manchester University Press, 1999.

MORRIS, A. E. J. *Historia de la forma urbana:* Desde sus Orígenes hasta la Revolución Industrial. Barcelona: Gustavo Gili, 1984.

RASMUSSEN, Steen Eiler. *London: the unique city.* Cambridge: MIT, 1967.

_____. *Towns and Buildings*. Cambridge: Harvard University Press, 1951.

STONE, Lawrence. The residential development of the west end of London in the 17th Century. In: MALAMENT, Barbara (Ed.). *After the reformation: Essays in honor of J. H. Hexter*. Manchester: Manchester University Press, 1980, p. 167-212.

SUMMERSON, John. *Architecture in Britain: 1530 to 1830*. Londres: Penguin Books, 1953.

_____.*Georgian London*. Londres: Penguin Books, 1978.

STRONG, Roy. *The Renaissance Garden in England*. Londres: Thames and Hudson, 1979.

SURVEY OF LONDON, Sheppard, F. H. W. (Ed.). *The Parish of St. Paul, Covent Garden*. Londres: London County Council and the Committee for the Survey of the Memorials of Greater London, v. XXXVI, 1970.

ZUCKER, Paul. *from the agora to the village green*. Nova York: Columbia University, 1959.